



Sinodalidade: Ecclesiogênese “em saída”

Synodality: Ecclesiogenesis “on the way out”

*André Luiz Bordignon-Meira**

Recebido em: 25/02/2024. Aceito em: 07/04/2024.

Resumo: O artigo situa-se na ocasião do desenvolvimento do Sínodo sobre a sinodalidade, propondo a contribuição ampla da teologia e da pastoral. A atuação pastoral procurando ser missionária e próxima da vida das pessoas, com o diálogo construtor de pontes ad intra e ad extra. O objetivo do artigo é destacar que a construção da sinodalidade na Igreja faz parte da proposta do Papa Francisco na Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, possibilitando o avanço dos fundamentos da ecclesiogênese “em saída”. O seu modus operandi verifica o caminho necessário a ser trilhado e os obstáculos a superar. O estudo e reflexão teológica com os pés calcados na vida das pessoas das comunidades se torna uma contribuição valiosa para a Igreja “em saída” colaborar missionariamente com as demandas dos sinais dos tempos. Considera-se a necessidade para a Igreja-Comunidade em nossos tempos primeirear¹, ou seja, tomar a iniciativa de colocar-se “em saída”. A missão da Igreja desenvolve-se melhor em comunidades abertas ao diálogo e ao serviço no mundo, em linha de sinodalidade. É necessário sair da pastoral de conservação que adocece a Igreja e impede a renovação transformadora das suas estruturas. Conclui-se que na pastoral da Igreja deve sobressair o caráter sinodal, valorizado pelo Papa Francisco e traduzido nas orientações e práticas pastorais.

Palavras-chaves: Sinodalidade; Igreja “em saída”; diálogo.

Abstract: The article takes place during the development of the Synod on synodality, proposing the broad contribution of theology and pastoral care. Pastoral action seeks to be missionary and next to people’s lives, with bridge-building dialogue. The objective of the article is to highlight that the construction of synodality in the Church is part of Pope Francis’ proposal in the Apostolic Exhortation Evangelii Gaudium, enabling the advancement of the foundations of ecclesiogenesis “goes forth”. Its modus operandi verifies the necessary path to be followed and the obstacles to overcome. Theological study and reflection with feet grounded in

* Doutor em Teologia (PUC RJ, 2022). Membro do Grupo de Pesquisa “Ecologia Integral & arquitetura do cuidado ecumênico” (CNPq).
E-mail:luzbordignon@gmail.com.

¹ *Primeirear* é o neologismo utilizado pelo Papa Francisco na EG 24, convidando as iniciativas missionárias.





the lives of people in the communities becomes a valuable contribution for the “goes forth” Church to collaborate missionarily with the demands of the signs of the times. It is considered the need for the Church-Community in our times to first, that is, to take the initiative to “goes forth”. The mission of the Church develops best in communities open to dialogue and service in the world, in line with synodality. It is necessary to move away from the conservation pastoral that sickens the Church and prevents the transformative renewal of its structures. It is concluded that the synodal character, valued by Pope Francis and translated into pastoral guidelines and practices, must stand out in the pastoral care of the Church.

Keywords: Synodality; Church which “goes forth”; dialogue.

Introdução

A reflexão proposta situa-se neste tempo da ocasião do pontificado do Papa Francisco que avança a sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Procura-se compreender a simples e profunda proposta da Igreja “em saída” (EG 171), de forma a escutar sinodalmente. O caminho é avançar com a Igreja “em saída” pela sinodalidade, que nos leva a *primeirrear* novos caminhos a partir do diálogo construtor de pontes.

As duas partes dessa reflexão propõem reacender as brasas em nossas comunidades como base da Igreja sinodal “em saída”, e a segunda, compreender teologicamente e pastoralmente a necessidade de construir processos comunitários. Esses processos sinodais construídos em nossas comunidades iluminam uma pastoral decididamente missionária. A sua preocupação não será a obsessão de procedimentos para a sua manutenção e conservação, e sim o engajamento e a participação dos batizados na missão.

Dessa maneira, colaborar nos processos contínuos na renovação eclesial é se colocar “em saída”, como o Papa Francisco nos testemunha e convida. Caminhar segundo o Espírito Santo fará a Igreja alegre e credível no anúncio missionário do Evangelho, construindo pontes e avançando diante aos sinais dos tempos. Por isso, caminhar juntos e exercendo a escuta da Palavra, do Espírito, da comunidade e da realidade deverá ser o futuro da Igreja.

1 Reacender as brasas da Igreja-comunidade

O melhor procedimento da Igreja se constrói através do diálogo, por isso, a proposta da Igreja “em saída” tem o seu *operandi* na



sinodalidade, criando a consciência eclesial à luz do Evangelho com a força do Espírito Santo. O Papa Francisco sublinha a necessidade de caminhar juntos descobrindo a horizontalidade, para a superar a verticalidade rígida e divisora (Francisco, 2021). O sínodo como *modus operandi* aponta novos caminhos e relacionamentos, possibilitando discernimentos maduros e concretos. Construir esse modo eclesial exigirá abertura para todos os participantes e sujeitos comunitários, pois eles são membros plenos do povo de Deus pelo seu batismo.

O consenso será fruto maduro e saboroso da videira do Senhor, pois foi preparado com um processo de escuta, diálogo e discernimentos conjuntos. Será um fruto terapêutico, possibilitando curar as feridas causadas pelos clericalismos existentes. Contudo, a sinodalidade não poderá ser uma “legalização institucional”, e sim capacidade evangélica de superar a cultura do clerical e das relações verticais. Este paradigma eclesial “em saída” propõe a relação inclusiva para o ser e agir na Comunidade-Igreja, recuperando o *sensus ecclesiae*. A construção das decisões irá recuperar a força do engajamento para decisões participativas e de comunhão.

A teologia da Escuta será a oportunidade para o convívio e prática da comunidade no seu exercício sinodal (Quirino, 2022, p. 340), provocando nas comunidades eclesiais atitudes e disposições para escutar. Essas são muitas tais como, tempo, coragem, acolher o novo, superar ideologismos, romper o clerical, evitar estereotipar, criar esperança e a necessidade de sempre caminhar juntos. Nesta perspectiva, o Papa Francisco agradece e vê como riquezas as diversas contribuições trazidas e levantadas na última sessão sinodal, contudo, encaminhou aos grupos teológicos prosseguirem essas necessidades. Esse procedimento irá continuar com a segunda parte do Sínodo sobre a sinodalidade, possibilitando aprofundar o *operandi ecclesiae* a luz das disposições que desarmam as armadilhas, limitadores e imediatismos.

O momento oportuno solicitado pelo Pontífice é de construir pontes seguras na Igreja, permitindo a fraternidade e a pastoral serem o sinal de Cristo na Igreja reunida sinodalmente. A direção se torna evidente para reconciliar e unir as comunidades eclesiais, evitando as disputas parlamentares e conflitos estéreis. A sinodalidade construída e alicerçada teologicamente possibilita repensar o serviço pastoral na vivacidade missionária. A Igreja à luz do evento pascal compreende a beleza da pluralidade de serviços e ministérios, e não a rigidez de clérigos e laicos aprisionados a segurança doutrinárias efêmeras.



A descentralização do poder eclesial permitirá o institucional e o carisma se compreenderem como complementares, para a Igreja cumprir a sua missão de servidora no mundo. A força motriz está em se desinstalar da sua centralidade, deixando seus procedimentos burocráticos para decisões eficazes e participativas. Nesta proposta está a eclesiogênese “em saída”, partindo da realidade para a constituição comunitária e práxis pastoral. A consequência trará pelo sopro do Espírito o sair das cinzas e o reacender das brasas, norteando para novas estruturas da Igreja que tragam alegria e esperança ao seu povo. Inclusive nas próprias disposições jurídicas canônicas, significando adequar tais aplicações à luz do processo teológico e eclesial renovado e renovador (Borras, p. 213).

Os processos participativos propostos na *Evangelii Gaudium* indicam como essencial na Igreja a desenvoltura dos discípulos-missionários. Esses processos abertos a construir novos caminhos aplicados com as demandas pastorais existentes, tratando-se da comunhão orgânica. A catolicidade com a autoridade pastoral dos seus membros promove as consultas processuais sem pró-forma, promovendo a sinodalidade. Os passos concretos para novas e necessárias estruturas eclesiais, descobrindo a urgente necessidade do Espírito em animar esta grande selva de papel da Igreja (Balthasar, 2016, p. 80).

A eclesiologia do povo de Deus é o caminho para que a hierarquia não impeça esse protagonismo e encontro vivo da sinodalidade batismal. Essa maneira sinodal de caminhar e atuar reabrirá novos horizontes, propondo a comunhão e unidade concreta. A prática sinodal é uma forma orgânica para a Igreja tornar-se comunhão, sendo mais missionária, simples, evangélica e com as questões humanas. O Sínodo aponta para uma Igreja “em saída” missionária e pronta para *primeirar* o Evangelho.

O pontificado do Papa Francisco tem a meta de prosseguir as aberturas do Concílio Vaticano II com as suas experiências teológicas pastorais latino-americanas, possibilitando a dinâmica da escuta e do diálogo e amadurecendo questões primordiais na evangelização (EG 31). Essa prática conjuga a conversão pessoal, comunitária, missionária e pastoral, com o escopo eclesiológico de responder às demandas dos sinais dos tempos. A Igreja será sinodal na medida que ela aprender a escutar, conscientizando-se de que escutar é mais que ouvir (EG 171). Recuperar essa perspectiva teológica permitirá à Igreja avançar sem a tentação de reorganizar a sua estrutura e pastoral com remendos.



Um desafio para a sinodalidade será no “analfabetismo funcional” da fé, do Evangelho e da Igreja, que afeta um número amplo dos católicos. Essa situação proporciona os clericalistas aumentarem o número de indiferentes ou desinteressados pelo processo sinodal. Aqui vemos o obstáculo criado com os devocionismos, fazendo comunidades se tornarem descompromissadas com a prática da fé, da Igreja e com a realidade humana. O consumismo alienante dos bens e da fé associa a visão da Igreja como um lugar de vários fiéis-clientes consumindo juntos a religião como produto.

A Igreja que escuta proporcionará compreender a realidade, reunindo-se para aprender se escutar e escutarem a Palavra (Quirino, 2022, p. 340). Os sínodos e os espaços de sinodalidade nas comunidades poderão tornar-se expressamente momentos *primeireadores* da Igreja com a efusão do Espírito Santo em seu meio. Os espaços sinodais permitirão constantes Pentecostes com os verbos eclesiais “ter tudo em comum”, “codividir”, “participar”, “ter parte em” e “agir juntos”. Assim a missão da Igreja e sua natureza serão evidentes em reunir e unir, visando uma evangelização honesta e não proselitista.

O paradigma paroquial de comunidade de comunidades (CNBB, 2023) significará várias pessoas reunidas em seus bairros e culturas, descentralizando-se de uma matriz gerenciadora de subcomunidades. A maioria das paróquias com seus padres e bispos pensam, infelizmente, as paróquias como filiais da sua sede curial administrando vários subgrupos. A convicção da realidade metropolitana urbana e do tamanho das paróquias provoca a valorizar a capacidade e força das lideranças leigas das comunidades, como autêntica presença e resposta evangelizadora da Igreja.

O sínodo será um instrumento de renovação e da cultura da participação, como oportunidade de construir processos. Essa oportunidade faz a Igreja ir ao encontro das pessoas com credibilidade e se transformando, pois, consulta e confia em seus fiéis. Assim é possível compreender a proposta da Igreja “em saída” de ser mais próxima, inclusiva e evangélica. E para esse caminho é necessário pensar, criar e realizar os processos eclesiais em todas as instâncias da base, paróquias, cleros, episcopados e da própria cúria romana.



2 Construir processos contínuos

Os processos contínuos serão possibilitadores de uma “reforma transformadora”, favorecendo não com *motus*, quirógrafos, decretos ou vontade papal. Pensar, criar e realizar esse processo está além do momentâneo e sim fundamentar teologicamente e pastoral. Teólogos de escritórios poderão trazer páginas interessantes sobre essa urgência eclesial, contudo, sem os teólogos das comunidades serão apenas arquivos. Esse caminho é desafiador, sendo necessário dedicar-se e confrontar-se consigo mesmo.

A necessidade exige escolhas evangélicas e coerentes diante dos sinais dos tempos, como compreender a importância da crise. É nela que podemos joeirar e avançar caminhos, pois somente os mortos não têm crises (Francisco, 2020). O próprio fato dos pastores com suas comunidades ao se colocarem a caminho criarão os processos e as escolhas a serem feitas. A eclesiologia do povo peregrino, ressaltada pelo Concílio Vaticano II, movimenta a ação missionária e pastoral da Igreja, permitindo caminhar para transformar as realidades vigentes e ultrapassadas.

Assim, o princípio *semper reformanda* está além da estética ou *slogan* eclesiástico, e sim na radical prática e testemunho de tornar esse caminho possível. A conversão é a palavra e adesão necessária que permitirá a aplicação desse princípio, partindo do pessoal, comunitário e eclesial. A transformação de cada batizado é o caminho inicial da *semper reformanda*, reforçando à “uma instituição sinodal será aquela que escute na vida comunitária as páginas do Evangelho e proponha-se a um caminho para transformar-se em um sinal vivo do Reino” (Bordignon-Meira, 2021).

Os princípios bergoglianos² propõem e possibilitam a Igreja no momento histórico que vá além de uma simples reforma, e sim um processo permanente de transformação eclesial. Esses princípios possibilitam essa transformação com a prática do *sensus fidei* (EG 119) aberta ao Espírito Santo, pois ele possibilita carismas, ministérios e o frescor

² Os intitulados princípios bergoglianos são 4 princípios formulados pela Papa Francisco (Jorge Mário Bergoglio, quando estudou o teólogo Romano Guardini sobre a tensão dos conflitos. Esses princípios associados com a figura do poliedro presentes na *Evangelii Gaudium* são o tempo é superior ao espaço (222-225), a unidade prevalece sobre o conflito (226-230), a realidade é mais importante do que a ideia (231-233) e o todo é superior à parte (234-237).



do Evangelho. O modelo eclesial clerical com as suas vidraças visa fechar a força e ação do Espírito Santo, necessitando fechar-se ao diálogo com medo do novo. Manter o significado e o significante de uma *semper reformanda* evangélica e pneumatológica requer atitude missionária nos programas pastorais. Esses muitas vezes são enrijecidos pela mentalidade de captação de fiéis e recursos, tratando-se buscar somente a sua auto-preservação. Trata-se da conversão e opção missionária como salienta o Papa Francisco:

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual do que a autopreservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “em saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade (EG 27).

É uma renovação eclesial inadiável e construída no cotidiano das comunidades, pois é feita concretamente com pessoas, famílias e situações emergentes da presença da Igreja. Assim fortalecerá a relação principal que é o vínculo. A fragmentação humana cresce e o anúncio da vida comunitária se faz necessário, pois o vínculo comunitário não é feito de estruturas burocráticas ou complicadas e sim de convivência. O grupo fechado de eleitos se adocece e não leva a proximidade geradora de escuta, partilha e comunhão (EG 28). A convivência na comunidade é feita de diálogo constante que reúne na liturgia orante com a Palavra e o Pão Eucarístico, partilhando o querigma e a vida. Por isso, o Papa Francisco tem seguido a bússola conciliar que aponta o norte missionário (UR 6), propondo processos com oração, paciência e criatividade:

Embora esses processos sejam sempre lentos, às vezes o medo paralisa-nos demasiado. Se deixamos que as dúvidas e os medos sufoquem toda a ousadia, é possível que, em vez de sermos criativos, nos deixemos simplesmente ficar cômodos sem provocar qualquer avanço e, neste caso, não seremos participantes dos processos históricos com a nossa cooperação, mas simplesmente espectadores de uma estagnação estéril da Igreja (EG 129).



Isso significa prosseguir as letras redigidas pelo Concílio Vaticano II com as exigências das configurações eclesiais e sociais do tempo atual. A Igreja blindada e murada impede o *semper reformada* através da missionariedade. Dessa maneira, as alocações do Papa sobre a missão da Igreja “em saída” a partir “das periferias reais e existenciais” ou como “hospital de campanha” revelam de onde ela deve vir e ir, dialogando com as mudanças e não com os esquemas burocráticos. É sobretudo a Igreja não se reconhecer como centro, e sim atuando descentrada em direção às pessoas com as demandas reais.

A estrutura angélica daria lugar à Igreja samaritana, sendo seus membros provocados com as questões emergentes. A Igreja buscaria superar o funcionalismo pastoral fatigante e mecânico do “gosto de funcionar”, para alegria de ser missionária. O seu caminhar irá romper o absolutismo doutrinal e alienante, promovendo os processos da consciência eclesial de discernimento de novas propostas. Trata-se de uma proposta pneumatológica para uma Igreja espiritual, e por isso, encarnada e caminhante nas estradas do mundo semeando comunidades.

A Persona Ecclesiae gerit faz se nova no seu agir no mundo como exigência do Espírito para o anúncio do Cristo. A Igreja comunhão dos santos desinteressada das burocracias, poderes e obsessões mundanas para ser mais mística e humanizada. A sua estrutura será a missionariedade, que impulsiona o *semper reformanda* da Igreja “em saída”. Pensar esse caminho Igreja-Comunidade-Missionária será cultivar os processos guiados pelo Espírito Santo.

Os primeiros passos e testemunhos para abertura desses processos contínuos de mudanças foram feitos pelo Papa Francisco com a simplicidade da sua residência, refeições e carro simples, sem pompas de vestes litúrgicas, preocupações com as questões do clima, da pobreza, da fraternidade humana, inclusão das mulheres nas instâncias de decisões, estudos teológicos de temas delicados e necessários, e do Sínodo não ser exclusivo dos bispos e com a participação do laicato. Contudo, esses passos necessitam da colaboração, práxis e a participação de todos os batizados (Repole, 2018, p. 85). Sempre aprofundando com paciência e clareza o dinamismo frutífero prosseguirá com ousadia às surpresas do sopro do Espírito.

Caminhar para fazer o futuro com as realidades garantirá novos caminhos sem descuidar ou desprezar a história, ao contrário, é o processo contínuo e avaliativo sem aprisionamentos de categorias humanas.



A construção da Igreja seguirá ativa e sem cessar (Miranda, 2017, p. 39), saindo dos engessamentos para oferecer a participação de todos os seus membros na evangelização. Na construção desses caminhos constata-se alguns obstáculos a serem superados, contudo, a capacidade de escutar é chave para essa superação: “a capacidade de sentar-se para escutar o outro, característica de um encontro humano, é um paradigma de atitude receptiva, de quem supera o narcisismo e acolhe o outro, presta-lhe atenção, dá-lhe lugar no próprio círculo” (FT 48).

Abraçar os riscos e ir ao encontro com os sofrimentos e reivindicações que interpelam (EG 88) é o primeiro passo para superar os obstáculos. A Igreja reunida com pessoas concretas em suas comunidades significa uma eclesiologia encarnada. Dessa maneira, os obstáculos doutrinários ou clericais necessitam de profunda reflexão, discernimento e decisões que edifiquem pelo consenso e não pela imposição. A estagnação pastoral e missionária causada pela relação chefes, mandados e doutrinação são os piores obstáculos, pois impedem ou intimidam a participação do povo de Deus.

A participação dos membros do povo de Deus com seus diversos sujeitos eclesiais é o *modus operandi* e ao mesmo tempo a estratégia mais evangélica, pois na clareza e transparência de irmãos e irmãs constrói o novo desejável (Mt 23,8). A Igreja “em saída” com a sua clareza evangélica vem confrontando os projetos dos que desejam a Igreja estável e reprodutora de estruturas confortáveis. A sinodalidade expandida a toda Igreja na sua universalidade é um valor eclesial que poderá levar a cabo o fermento esperado no Concílio Vaticano II, avançando e superando os obstáculos ainda existentes após os seus 60 anos de realização.

Assim, esses caminhos construídos juntos e paulatinamente à luz do Evangelho gera a comunhão e participação, e não causam as frustrações em meio a processos de mudanças. A teologia da comunhão ressaltada pelo Concílio Vaticano II para a peregrinação do povo de Deus reflete a revelação da Trindade, e assim realista e viável. A dialética da história permite a construção e a desconstrução dos passos eclesiais feitos no processo de renovação transformadora. Enquanto as instituições eclesiásticas visam a estabilidade, a vida das comunidades em torno do comum busca a sua organização em torno ao ser humano real.

Por isso, a revelação faz uma instituição divina que caminha no meio da instituição humana, renovando-a e tirando-a do museu (Balthasar, 2005). As instituições devem assegurar o comum, evitar a dispersão e



mediar conflitos, e por isso, constroem meios de preservação histórico (Passos, 2023, p. 21). Contudo, a Igreja além de uma convivência coletiva é uma construção do Espírito, e seus objetivos não podem ser estruturados com rigidez conservadora ou regras estruturais autossuficientes. A estabilidade da estrutura institucional da Igreja visa a unidade e continuidade à luz da revelação, e por isso, aberta ao Espírito Santo que conduz a Igreja hoje (Jo 20,19-23).

O jogo institucional provocado pelos interesses de indivíduos ou grupos é causado pelo medo às aberturas causadas pelo novo do Espírito Santo. Assim, “os proprietários” do Espírito Santo procuraram controlá-lo em uma “gaiola”, com a empáfia da defesa da tradição revelada como garantia da unidade, comunhão e fidelidade eclesial. A instituição necessita da participação histórica de cada geração, pois muitas constituições humanas se tornam obsoletas e ultrapassadas, por isso, a instituição Igreja necessita se renovar no consenso com a força do Espírito que dialoga com o povo peregrino na história.

A coerência dos consensos construídos com a revelação evangélica se torna o critério ímpar da escuta do Espírito, para dialogar com as realidades humanas. Esse processo dentro da instituição eclesial exige conversão para as mudanças necessárias, mesmo que lentas e dialogadas agregarão soluções. Nessa perspectiva a proposta “em saída” trabalha a importância de fundamentar a mentalidade e a cultura, pois a mentalidade designa a maneira comum de pensar e a cultura valoriza os costumes do modo de viver.

Os sujeitos eclesiais não irão simplesmente reproduzir mentalidades e culturas ultrapassadas dos paradigmas eclesiásticos, e sim participem das renovações necessárias com a força de recriar. Convicto da necessidade de renovação eclesial tanto na instituição como na pastoral missionária, o Papa Francisco convida a Igreja se colocar “em saída” para caminharmos juntos. Esse caminho feito das bases e não das estruturas legais da instituição, pois a coesão eclesial irá redigir as novas formas legais próprias da instituição, e nunca ao contrário.

O rompimento com o engessamento teológico doutrinal da Igreja universal se faz urgente e necessário diagnosticar as enfermidades das estruturas, propondo a cura evangélica. A clareza e transparência evangélica possibilitará as resistências ocultas trazerem as hipocrisias e os corações empedernidos à tona. É necessário enfrentar esse conflito para o diabólico não germinar às más intenções no caminho sinodal. A busca



desse diálogo aberto com os resistentes ao diálogo sinodal tem sido realizada pelo próprio Papa Francisco, que testemunha a força sinodal.

A cultura eclesiocêntrica com as relações de Igreja autocentrada sobrevive com as mentalidades do poder sagrado dado aos clérigos com a visão mágica neopentecostal e tradicionalista. Essa tendência procura reproduzir que a vitalidade da Igreja está na imagem de dominadora das realidades existentes e do controle da vida das pessoas. Associada com a cultura do bem-estar, do individualismo, consumismo e da garantia da vida eterna a preocupação fica na pastoral de conservação e manutenção.

A cultura da sinodalidade despertará os estilos e métodos com linguagem comunitária, resgatando-as do *aggiornamento*, da metodologia latino-americana e agora fazendo-se “em saída”. Apesar da conservação trazer seguranças e rejeição ao novo, o contato e a proximidade com as pessoas superarão esses obstáculos marcado por formalismo, fé de fachada, intelectualismo, devocionismo, imobilismo e o sempre foi assim (EG 33). A Igreja se nutrirá da escuta a Palavra, ao Espírito e ao seu povo, possibilitando a renovação pastoral urgente.

O diálogo sinodal é um princípio teológico e pastoral compreendendo os sujeitos eclesiais no exercício do seu *sensus fidei* na força do *consensus fidei*, ou seja, com a base comum do que creem e vivenciam como comunidade seguidora de Jesus. São nas comunidades eclesiais que as relações comunitárias se tornam reais e possibilitam relações e reflexões comprometidas. Ali os vínculos fazem os gestos dos testemunhos se transformarem em uma agenda mais ampla, comprometida com as dores, alegrias, sofrimentos e esperanças das pessoas de carne e osso, e por isso, encarnada na história e nas relações humanas concretas. O Verbo encarnado reclama por vivências concretas e humanas, e não há Igreja de Jesus sem comunidade concreta, e sem sinodalidade não há comunidade (Passos, 2023, p. 124).

Conclusão

O caminho percorrido nesse artigo propôs a pensar a importância da Igreja “em saída”, a *primeirear* para viver a sinodalidade. O processo sinodal levará a renovação eclesial proposta pelo Papa Francisco, e “em saída” para uma Igreja mais evangélica e próxima, que deverá passar constantemente por uma conversão pastoral. Essa conversão será pessoal e comunitária para uma Igreja “em saída”.



As implicações teológicas junto à irreversível dinâmica do Concílio Vaticano II e à disposição da Igreja dialogar possibilitarão novos processos contínuos capazes de provocar a ação missionária. A sinodalidade e o diálogo fomentarão o caminhar pastoral e missionário diante dos desafios dos sinais dos tempos. Trata-se da tarefa *semper reformanda*, manifestando a possibilidade de uma renovação das estruturas concretamente.

Caberá voltar sempre a atenção para visão teológica comprometida com a pastoralidade e realidades existentes do povo de Deus. Assim como o Cristo encarnado, *primeirear* as iniciativas do diálogo para a construção de pontes com e entre a humanidade. Essas iniciativas poderão ser capazes de fazer a Igreja caminhar junta, participante e de comunhão. Essa atitude sinodal é o modo característico de a Igreja estar “em saída”.

Referências

BALTHASAR, H. U. von. *A verdade é sinfônica: Aspectos do pluralismo cristão*. São Paulo: Paulus, 2016.

BALTHASAR, H. U. von. *Spirito e Istituzione*. Brescia: Morcelliana, 2005.

BORDIGNON-MEIRA, A. L. Procesos transformadores para una reforma eclesíastica. *Religión Digital*. Disponível em:

https://www.religiondigital.org/teologia_para_una_iglesia_en_salida/Andre-Luiz-Bordignon-Meira-institucion-periferias-francisco-reformas-amazonia-iglesia-salida-teologia_0_2229077124.html. Acesso em: 12 set. 2021.

BORRAS, A. Sinodalità ecclesiale, processi partecipativi e modalità decisionali. In: SPADARO, A.; GALLI, C. M. (org.). *La Riforma e le Riforme nella Chiesa*. Brescia: Queriniana, 2017. p. 207-231.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto sobre o ecumenismo *Unitatis Redintegratio*. In: VATICANO II. *Documentos do Concílio*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 215-240.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de Comunidades: uma nova Paróquia*. Estudos da CNBB 104. Brasília: Edições CNBB, 2013.



FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*: sobre a Fraternidade e a Amizade Social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO. No tengam miedo a las sorpresas, dejen abiertas puertas ventanas. *Religión Digital*. Disponível em: https://www.religiondigital.org/vaticano/Papa-sorpresas-abiertas-puertas-ventanas-Francisco-Roma_0_2379062077.html. Acesso em: 4 out. 2021.

FRANCISCO. *Vamos sonhar juntos*: o Caminho para um futuro melhor. Em conversa com Austen Ivereigh. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

MIRANDA, M. F. *A Reforma de Francisco*: Fundamentos Teológicos. São Paulo: Paulinas, 2017.

PASSOS, J. D. *Obstáculos à sinodalidade*: entre a preservação e a renovação. São Paulo: Paulinas, 2023.

QUIRINO, A. T. *Teologia da Escuta*: Palavra e rito na experiência litúrgico-cristã. Rio de Janeiro, 2022. 387 p. Tese. Faculdade de Teologia, Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/58111/58111.PDF>. Acesso em: 1 mar. 2022.

REPOLE, R. *O sonho de uma Igreja evangélica*. A eclesiologia do Papa Francisco. V. 4. Brasília: Edições CNBB, 2018.